

V E T O R

elton carvalho .. antonio moreira .. romeu thomé

momento do... "vetor" concurso literário do "vetor"

escragnolle dória
a dívida do
estudante

Você, colega, você mesmo que trocou uma das mais insignificantes moedas por este jornal, levando somente pela curiosidade, não sabe o quanto de esforço e sacrificio elle representava para nós. De um sonho a sua realização ia um oceano de obstáculos materiais.

E nós sonhamos... Urgia lutar para vencê-los. E nós lutamos e lutamos muito... Evencemos o primeiro... o segundo... o terceiro... e fomos caminhando, de degrãu em degrãu, de sacrificio em sacrificio, pela escada da vitória.

E, por que não haveríamos de alcançar, lá no alto, a suprema conquista do ideal, nós, que sempre tivemos como incentivo, a vontade, e como força, o entusiasmo? Porque não haveriam de chegar ao término da jornada, a meta-desejada, aqueles que, desinteressadamente, abraçando uma missão despidida de vaidades, pro-moetaram cumpri-la?

E nós vencemos porque o entusiasmo de uma mocidade que sabe querer traduziu o sonho feliz do estudante nesta esplêndida realidade.

Matematicamente, "vetor" tem uma origem, uma direcção e uma intensidade.

Jornalisticamente, "vetor" originou-se do *estudante*; tem, também, traçadas as directrizes de toda a sua existência como o porta-voz da opinião estudiantina ad'orgando as suas causas. E "vetor" será *peito estudante*. Será a muralha onde farão eco todas as impetiosões absurdas e vergonhosas que nos queiram fazer. Pelas suas colunas falará mais alto a vontade da mocidade estudiosa, que o interesse de "revidicadores" ambiciosos e egoistas. E, esta será a instantidade com que se baterá pelo seu fim; *para o estudante*. E seguindo tão brilhante rota, pois, que nenhum intuito

(conclue na pag. 2)

a lenda da montanha

Escritor originalissimo e prova não menos notavel, foi Mezzan Alberto, que viveu, segundo piteoem Bagdá, na segunda metade do século IX. Das suas obras restam apenas alguns fragmentos conservados como verdadeiras reliquias, no Museu de Londres.

Um orientalista famoso, Dr. Jean Briere Narbonne, depois de longos estudos, conseguiu traduzir para o francez uma grande parte da obra litteraria attribuida ao escritor Mezzan.

Dr. Narbonne encontrou entre os documentos submetidos á sua irresistivel análise, um trecho muito curioso. Trata-se (afirma o sábio francez) de um conto do qual não conhecemos nem o titulo nem o principio.

Eis a tradução do Dr. Narbonne, incluída nas "Ephémérides orientales".

Tomado de vida curiosidade pelo caso, dirigiu-se o rei ao desconhecido e perguntou-lhe:

— Mas, afinal, meu amigo, qual é a tua profissão?

O interpelado respondeu:

— A minha profissão é uma das mais úteis e mais honrosas. Sou um "inventor de lendas".

— Inventor de lendas? — exclamou o rei repetindo, com espanto, as illhinas palavras do jovem — por Ah! Não comprehendo que possa um homem ganhar honestamente a vida exercendo tal officio!

— Eu explico — voltou res-

peitoso o moço — Admittamos que exista, em certo país, um lago cujas aguas apresentam a cor viva do ouro. Porque

(conclui na pag. 2)

essa cor? Como justificar tal

anomalia, na natureza? Ninguém sabe, pois só Ah, conhece o segredo e os mistérios da vida. Que fazer? Medito sobre o caso e invento uma lenda interessante para explicar a origem singular da "Lagõa Dourada". E' claro que a lenda, pela forma maravilhosa, agrada ao povo, encanta os nobres e diverte o rei. E, de todos, recebo uma pequena paga. Com o dinheiro, ganho

disto: pouco, pouco — meus dias fivre das amarguras e vezes fivre da pobreza.

E acrescento um valioso:

— Já inventei lendas sobre muitas cousas diversas: sobre rios, sobre grutas profundas e sobre valdezes lenchurosas! E prestando inventar ainda outras muitas que serào mais tarde estudadas pelos doutores e cantadas pelos poetas.

E' admiravel! — exclamou o monarca.

E, dirigindo-se aos nobres que o rodeavam, ajuntou:

— Este jovem deve, sem dúvida, possuir uma imaginação prodigiosa aliada a um talento invulgar. Vou nomeá-lo para um cargo de prestigio em nossa terra!

O primeiro ministro, que se achava ao lado do rei, ao ouvir essa declaração, murmurou:

— Convém ter cautela, ó rei! Quem sabe se esse jovem não passa de um aventureiro que se enha de facanhas que jamais praticou! Não seria conveniente, antes de qualquer resolução, submetê-lo a uma prova, na qual elle pudesse revelar, de

Sóbram estudos e não faltam estudantes, cuja arteioracia é formada por quantos desejam verdadeiramente estudar.

A classe tem vobis dividida que ainda não saiu, a do monumento ao Estudante. Não se trata de comemoreção inexplicavel, de uma dessas "mentiras de bronze" de praça pública, que obrigam a sorrir e a comentar alto ou baixo.

Não pôde a história pátria esquecer os jovens que a terra natal deram sangue por vida em lutas de amargura, para ella, pisada ou ameaçada por invasão estrangeira, entristecida por guerras civis, em seu adinamento de fraternidade.

Quando Duclere invadiu o Rio de Janeiro de 1710 não levou tudo e todos de vendida. Encontrou resistência, quem lhe dísse não de armas em punho.

Na Lagõa da Sentinella, entre as almas ruas Moncorvo Filho e Frei Caneca. Bento do Amaral á testa de companhia de estudantes opôs primeiro e sanguento obstáculo á marcha de Duclere e dos dele.

Neste dia os livros ficaram esquecidos e as armas lembradas! Tornaram-se fortes mesmo os mais fracos estudantes.

No século XIX empennado o Brasil na campanha contra Solano Lopez, o fanatisador do Paraguai, muitos acadêmicos de medicina, ao apresentaram para auxilio da pátria. Estiveram nos campos de batalha ou nos hospitais de sangue, no Rio de Janeiro e na Bala, numerosas os acadêmicos de medicina que intertemporaram guerra com o nome de professor na guerra.

Em outras occasões, sacrificando-se pela terra natal ou por ideias, como em várias revoltas honestas, a classe dos estudantes fez jus á memoria nacional.

De ha muito o monumento ao Estudante se faz lembrado. Não carece de pompa. Pode ser sin-

(conclue na pag. 2)

é mais elegante trazer nas mãos um livro do que um par de luvas.

concurso literário do "vetor"

(conclusão da pág. 1)

No Brasil, infelizmente, ninguém tem o direito de discorrer do mais forte.

Os homens que mandam, por uma espécie de "auxílios miltuos", estão vendidos uns aos outros porque todos erram sabendo que erram mas satisfazendo a uma conveniência própria. E todos têm os seus fraços combatidos pelos outros. E, às vezes, um mais irritado desvenda um padre de quem não lhe seja muito simpático. O outro responde, também, acusando o acusador. E o resultado é que, "para bem de todos e felicidade geral da nação", eles resolvem calar. E pronto, está tudo acabado.

Estás vendo, ó jovem, aquela montanha negra que se ergue junto ao mar? — E' três vezes mais alta que a mesquita de Mea. No seu cume as aguias fazem ninho e a sombra de sua base ocultam-se as paneleras. Quero que nos contes, agora mesmo, uma lenda maravilhosa que explique a origem daquela montanha, que tanta admiração causa aos viajantes. Se a lenda que vists inventar agradar aos meus illustres vizires, terás uma bõa recompensa.

— Rei generoso! — respondeu o jovem — Aquel termina a tradução do Dr. Narbonne. Não seria possível reconstituir a obra do escritor Mazian? E' exatmente dessa tarefa que *vetor* deseja encarregar os seus leitores, abridno para esse fim um concurso literário. As bases para esse concurso serão as seguintes:

I) Os concorrentes deverão enviar à nossa redação o principio e a parte final do conto "A lenda da montanha".

II) A parte inicial e a parte final do conto não poderão, em seu conjunto, exceder de oito laudas de papel.

III) A parte inicial e a parte final deverão format, com o trecho que publicamos, um conto perfeito;

IV) os concorrentes deverão assinar os seus originaes com um pseudônimo qualquer enviando, dentro de um envelope fechado, o verdadeiro nome para posterior identificação;

V) todos os trabalhos enviados (até o dia 25 de Agosto) serão julgados pelo editor.

a dívida do estudante

(conclusão da pág. 1)

gelo, sem deixar de ser altamente expressivo. Convem pensar e realizar dentro do bom gosto.

Pode a dívida ser satisfeita, com o concurso geral, portanto sem peso para ninguém.

Estudantes, primeiro os teus.

cidade maravilhosa

Cidade maravilhosa!

E quando eu disse, mais uma vez, a frase que define a beleza e a graça do Rio, a sombra de um fraque marrom manteve a claridade da alegria catfeca que vinha voando do céu, como um passaro de luz, na festa panorâmica deste sábado de azul e ouro... Na hora melhor da cidade, apareceu-me o homem peor do mundo. Mal pronunciana a frase cheia de todo o otimismo do Rio, surgiu na minha frente o homem que só sabe dizer coisas desgraçáveis... Vocês o conhecem, naturalmente. E' esse cidadão ranzinza e cabuloso, que está sempre reclamando no carruaval, que tem um "não pode!" engasgado na garganta, e uma grava de luto amarrada no pescoço, como se a própria morte quizesse estruigar a voz, mais caeté e chibita da terra. E' esse eterno claudro, frequentador assíduo de alissas de sétimo dia, leitor assíduo de necrologios, assistente sincero de todos os agonizantinhos, enfim, esse camarada fatal que só nos quer bem para nos aborrecer, que só nos aparece nas horas da desgraça, que não felicitia ninguém quando é honrado, mas leva sempre a palavra de maldade para o lado alheio e demittido a bem do serviço público.

Quando ãe chegou perto de mim, a rosa da vida murcheou de repente. O claro sol, amigo dos heróis e inimbo camarada dos eronistas, amarrrou a carranca luminosa e escondido o rosto zangado num farrapo branco de algodão que brincava de nuvem nas abutras, como se pretendesse cobrir, por pudor, a escandalosa beleza nua do céu tropical.

Eu sabia que aquêle homem havia de dizer qualquer coisa desagradável. E, com efeito, o cidadão não falhou ao seu traqico destino de amigo sincero. Segurou-me o braço, como se me quizesse prender na penitenciária da sua nu-trasença, e disse com uma voz oleosa que sala com preguiça da boca amarelhada: "Mas, meu amigo, você não encontra outro adjectivo para a cidade? Porque vem com isto: maravilhosa... maravilhosa... Que diabo! Será possível que o Rio não mereça outro adjectivo de seu dicionário radio-fônico?"

A um homem tão solene e tão carrancudo, só se deve responder numa linguagem bíblica. E eu disse assim: "Em verdade, em verdade vos digo. Bem aventuranda as cidades que só merecem um só adjectivo. Porque neias existe mesmo o reino do céu..."

O homem não extranhou o tom da linguagem... Já está acostumado a me tomar para Cristo das suas carceradas.

E salmos part a rita, afirm de ver que outros adjectivos podiam ser applicados ao Rio... O sábado recente era uma fogueira de mortas bonitas na tarde doutrada da Avenida. E o Inlmei a dizer qualquer coisa em louvor daquele encanto facil do dia... O homem resmungou. Esqueceu, viu mais uma vez a cena e, depois, sem se conter, exclamou: "Mas, que maravilha!"

Nisto, passou perthno de nós dois, agiti como uma ave que passasse na terra porque nheva a terra catfoca, mais bonita que o céu; fresca como uma rosa na vitrina de uma casa de flores; convidativa como uma taça gelada de "champagne" para um fiavelado careense; estabando de novidade e de encanto como uma cédula de quinhentos mil réis que sasse naquile instante da prensa da casa da Modeta; nisto passou perthno de nós dois aquela creatura emolente, desintegradora, graça revolucionária, sedução com poderes discricionarios, enfim, maravilhoso de nós dois, som lile-ratura... ela, ela só garofa formosa do Rio, sempre igual a si mesma, inauguração da beleza feminina na melhor forma que Deus inventou...

E eu não me distral. Gritel logo: "Vamos! Diga depressa! Como é essa garofa? Quero já um adjectivo. E o homem zangado, ainda de boca aberta, murmurou: "Maravilhosa!"

E para quê outro adjectivo? Já disse Oscar Wilde que a beleza é a unica forma de superioridade que não precisa explicação. E' maravilhosa não explica a cidade, mas define a cidade. Define na que ela tem de melhor, isto é, na sua capacidade de ser essa coisa que só se pode dizer assim mesmo: que maravilhosa!

momento do... "vetor"

(conclusão da pág. 1)

nos move que não o de doctar o ensino secundário, no seu colégio patrião, o tão glorioso Pedro II, de um Journal novo, algo differente, "vetor", que foi o nosso sonho e é a sua vitória, será em breve, apoiado incondicionalmente por você, a mais esplendida das realidades

século XIX
versus
século XX

ingenuidade

a eugenio carvalho junior

química
sentimental

Os homems viñham ecorrentia-
dos nos progressos científicos do
século XIX.

A ciência abandonou a filosofia
e entio a Humanidade que neor-
dava abrangida pelas utopias da
Revolução Francesa, começou a
cantar hosannas ao materialismo.
Liberdade absoluta, não absoluta
como a mentirosa igualdade e a
não menos mentirosa fraternida-
de, era o lema. Darwin, Lamarck,
Heckel, principiam a ordenar os
homens e estes começam a exag-
lar e a delatrar os princípios cien-
tíficos como hoje são delatrapadas e
exageradas as idéas de Freud pe-
los seus falsos discípulos...

A humanidade "sem Deus" inli-
cion a marcha para a "filosofia
do extio", antes educando os filhos
para ganhar dinheiro... honesta-
mente sendo possível; marido me-
cadelajado as esposas para a con-
quista de posição; pais vendendo
as filhas nos baldões do convencio-
nalismo e do pragmatismo...

Marx surtido, faz uma crítica
fiel da sociedade capitalista bur-
guesa, mas infelizmente oferece
soluções para o problema social
mais absurdas que a propria "li-
beral-democracia" em ciência ab-
soluta...

A escola materialista-se. Profes-
soras limpam nas genérgas no-
vas um **cienticismo** proprio dos
que já envelheciam moralmente,
daquelles que têm cabelos brancos
nabina. O adolescente começa a
rir-se. Interiormente das palavras
maternas que lhe falavam de uma
continuação da existência que não
devia ficar encalhada entre os
estreitos limites que medelam en-
tre o berço e o túmulo...

Na escola falh-se de tudo mas
não se confirmam aqueles santos
ensinamentos ministrados às cri-
anças no recesso do lar...

(conclue na pág. 9)

Associação Cristã de Moços

Departamento de Instrução
Cursos noturno e comercial
Impulsionados oficialmente

Aluna avulsas de Jurgan, con-
tabilidade, matemática, anti-
grafia, ortografia

Preparam-se alunos para os
exames de admissão ao curso
seriado e comercial.

Paga prospecto - Tel. 2-9860

Toda tardinha Josinho ia para
a varanda e ficava bobo, alisando
a grade da varanda. Muitas ve-
zes olhando o relógio que passa-
va quasi no lado da sua casa...
— Que é isso home? Muité não
há de falta.

— Pra qué essa agonia, gentes?
O rapaz ficava muito.
Bosta que nem dava tiro no que
a velha Bambina dizia.

A sua cabeça tinha um cinema.
Uma filazinha com uma mulher
brincando desanaja na areia do
rio.



Mas, depois vinha uma goma na
garganta. Os olhos de Josinho ar-
dham e partavam. E Josinho dava
para chorar bexinho, mansinho.

Não via o rio. Não via o cinema
na sua cabeça. Cegava. E só dava
para alisar o diabo da grade...

Seu pai falava: — Josinho meu
filio, Moça da cidade não casa com
você. Você é bicho do mato.

Mas Josinho não era analfabéto.
Doutor também. A razão de nas-
cer na roça, gostar da roça, mo-
rar na roça não era razão. Nem
coisa nenhuma.

Mas vinha de novo o cinema
para a cabeça de Josinho. Concei-
ção gastando as fétias no rio. O
rio clarinho passando vado e a
esplar as pernas de Conceição.

Conceição era normalista. Sa-
bia mais que Josinho. Podia ensi-
nar a professora da Fazenda do
Quintal. Não parecia. Conceição
falava simplices. Não embrihava.

E éle entendia...

— Conceição você não gosta de
minha não?
Conceição malvada não dizia
nada. Uma vez escreveu na areia
do rio: "Gosto até no coração".

Era uma criança grande. Desde
al Josinho começou a se lindir. O
rio mansinho veio e lavou a
areia.

Uma tardinha da varanda Jo-
sinho viu o cadete da Conceição.
Moço bonito, moreno, mas um ho-
mem contido, segurando Concei-
ção com pouco respeito.

Josinho ficou danado. Enlureceu.
Alisou a varanda como se prepa-
rasse um punhal. Os olhos fazia-

ram. E arderam. Houve a crise.
Josinho chorou. Quiz olhar e não
poude. Não via nada, nada...

No dia seguinte acabavam as fê-
rias de Conceição. Ele estava me-
tido consigo mesmo, em casa,
muito, escrevendo uma carta sem
destino. Parou. Veiu para a va-
randa.

O forzezinho ligeiro do coronel,
o pai de Conceição, levava tudo pa-
ra os lados da estação. O moço
militar e a Ingrata Conceição.

Fez-se um bolo na garganta do
Josinho. Os olhos arderam. Jo-
sinho começou o choro mansinho.
Tardinha. Umás nuvens tran-
zinas. Céu bonito. Brisa do ambr.

Josinho saiu molemente se en-
caminhando para os lados do rio.
In sem querer. Andava e sentia
que andava. Mas não estava
nêle.

O rio estava colorido como o céu
Mais bonito e vado. Josinho aloe-
lhou-se e com um pedacinho de
pau escreveu vingadamente: "Eu
num gosto de Conceição".

O rio continuou a passar indife-
rentemente. E não lavou a areia na-
quêle lugar...

O elemento Clime forma molé-
culas de várias substâncias simples
denominadas climas também dife-
rindo apenas pela forma. Existe
em grande quantidade nos terre-
nos vulcânicos do Amor ora á su-
perficie, ora nas profundidades e
o seu principal minério é o Cora-
ção, complexo muito utilizado na
Industria do sentimento.

Obtenção: Dos depósitos profun-
dos extrai-se o Clime fazendo atuar
sobre o minério o ácido indifferente;
dos depósitos superficiaes éle se
desprende continuamente não sen-
do prudente tentar extrai-lo, pois,
com qualquer outra substancia, for-
ma uma mistura tonante inutilli-
zando o minério.

Variedades alotrópicos: São mul-
tas: clime recalcado, clime explo-
sivo, clime aparente, clime dissi-
mulado e outros dependendo da
constituição do minério.

**Propriedades físicas e organolé-
ticas:** É um gás azul, de cheiro ir-
ritante, insolúvel na agua, mais ou
menos denso, conforme o minério
de que é extralido.

Torna-se sólido a 100° tomando a
forma de vasos, cadefras, etc e ad-
quirindo ruido característico.

Tem como dissolventes electros o
ácido carbonoso e o ácido herimo-
so.

Propriedades químicas: São muito
semelhantes ás da Desconfinança.
Tem grande utilidade por ela fun-
cionando muitas vezes como a fun-
dator. É um ólimo comburente: em
atmosfera de Climes queimam bem
o passado, a amizade, as conveni-
encias, sendo reduzidos á expressão
mais simplices.

Dos sentimentos o que mais fa-
cilmente se combina a éle é o da
vingança formado o cluméto vin-
gativo, substancia muito toxica
(como quasi todos os compostos do
Clime) decompondo-se pela expo-
sição á indifferença com explosão e
desprendimento de tícos muitas
vezes.

De sua combinação com outros
sentimentos tais como a indifferen-
ça, o desdem ou mesmo o odio, em
temperatura especial que ainda não
foi conseguida em nosso país, re-
sultam as bases do divórcio.

Aplicações: Sendo substancia
to importante na pesquisa sistemá-
tica do sentimentos a sua única
aplicação Industrial é Impulsionar
a Industria das louças que se de-
compõem na sua proximidade

O suicida é um covarde; e um
alcoolatra é um suicida.

O alcool é o maior flagelo da
humanidade.

resolução

Julho de 1934

V e t o r

j. c. de mello e souza

matemática divertida e curiosa
o número 142857

Int, com a sua face achatada, sor-

ria canhalmente para a terra in-

felz.

E o homem continuava a andar

indiferente.

Revia todo o passado.

Seu pai fora mestre numa fábrica de tecidos e ele, como filho de operário, aprendera a ler com sua mãe, não pudera frequentar escolas.

Também não reclamava. A única ambição que tinha era abraçar a carreira paterna.

Lembrava-se bem. Ao meio-dia, quando levava a oficina a comida para o pai, ficava emborçado, a olhar aquelas máquinas girando lépidas e elegantes. Como seria feliz quando visse sair p'ontão, a primeira fazenda, de sua máquina. Mas não, não poderia, realizar o seu sonho, a fábrica falira e o pai, seu pai, ainda com quibraz aos joelhos, já se fora a procura de trabalho. Batera em todas as fábricas de tecidos em todas pedras e em todas de aprendiz de tecelão e em todas vir ruir o sonho que alimentava.

Depois de muita busca, conse-

de separar. Como o aborrecia estar sozinho e dia inteiro, batendo sol! Quantas vezes se tinha magoado com aquelas maravilhas! Quantas vezes amaldiçoara a sorte que o obrigava a seguir uma profissão que não escolhera. Quantas vezes!

Mais tarde, ao completar vinte e um anos, quando já tinha aprendido o seu ofício, fora preso. Po-que? Interrogou: — És um insubmisso, informaram-lhe bruscamente. Foi mandado para jogar longinquo onde apunhara fôbre que o deveram assassinar! Acabado o período militar teve baixa.

Isto aconteceu ha seis meses e desde então, a sua perseguição em busca de trabalho, não alcançara prêmio, tudo lhe tinham negado, tudo! Até o direito de viver! Como se humilhava. Em vão implorava e sempre aquela negativa odienta!

Sempre!

O homem continuava a andar, sem destino... Tinha passado por varias ruas e entrava numa bem trilhada, ladeada por palacetes confortáveis. Mais adiante o silêncio da noite fora interrompido pelo estrepitar de um "jazz" que dum "bungalow" alocrativo arrancava nos seus instrumentos capilhalas um "fox-trot" hululante!

O homem parou.

Malgrado o frio exterior, um fogo voraz queimava-lhe as entran-

Quando nos referimos aos problemas curiosos, procuramos destacar singularidades que apresentamos certos números, pela disposição original de seus algarismos. O número 142857 é, nesse gênero, um dos mais interessantes da Matemática, e pode ser incluído entre os chamados números cabalísticos.



prof. julio cesar de mello e souza, autor do livro "matemática divertida e curiosa"

Velamos as transformações curiosas que podemos efetuar com esse número.

Multiplicamo-lo por 2. O produto será:

$$142857 \times 2 = 285714$$

Vemos que os algarismos do produto são os mesmos do número dado, escritos, porém, em outra ordem.

Efeitemos o produto do número 142857 por 3.

$$142857 \times 3 = 428571$$

Ainda uma vez observamos a mesma singularidade: os algarismos do produto são precisamente os

mesmos e uma força desconhecida animava-lhe os membros entopecidos. Lembrou-se de todos aqueles que estavam na sua triste situação.

E o homem continuou a andar mais firme e, nos olhos febris desse desdinhado, nasceu a Esperança!

E o homem continuou a andar, já tinha um destino!

Ha'ya surgido mais um revolta-doi!

os mesmos do número, alterada apenas, a ordem.

A mesma coisa, ocorre, ainda, quando o número é multiplicado por 4, 5 e 6.

$$142857 \times 4 = 571428$$

$$142857 \times 5 = 714285$$

$$142857 \times 6 = 857142$$

Uma vez chegado ao fator 7 vamos notar outra particularidade. O número 142857, multiplicado por 7, dá para produto:

999999

formado de seis noventa e

Experimentem multiplicar o número 142857 por 8. O produto será:

$$142857 \times 8 = 1142856$$

Todos os algarismos do número aparecem ainda, no produto, com exceção do 7. O 7 do número dado foi decomposto em duas partes: 6 e 1. O algarismo 6 ficou à direita e o 1 foi para a esquerda completar o produto.

Vejam agora o que acontece quando multiplicamos o número 142857 por 9:

$$142857 \times 9 = 1285713$$

O único algarismo do número multiplicado que não aparece no produto é o 4.

Que teria acontecido com esse 4? Aparece decomposto em duas parcelas: 1 e 3, colocados nos extremos do produto.

Do mesmo modo poderíamos verificar as irregularidades que apresenta o número 142857 quando multiplicado por 11, 12, 13, 15, 17, 18, etc. Alguns autores chegaram a afirmar que existe uma espécie de conexão entre os algarismos do número 142857, e que não permite que esses algarismos se separem.

Vários geometras notáveis — Fourier, E. Lucas, Houze Ball, Quersy, Legendre e muitos outros — estabeleceram minuciosamente as propriedades do número 142857. Fourier, em seu livro de "Resoluções aritméticas", apresenta-nos o produto do número 142857 por 327451. Ao efetuar essa operação, observamos uma interessante disposição numérica: as colunas do produtos parciais são formadas por algarismos iguais. Retenemos o número 142857 e determinemos o produto desse número pelos fatores 7, 14, 21, 28, etc., múltiplos de 7. Eis os resultados:

$$\begin{array}{r} 142857 \times 7 = 999999 \\ 142857 \times 14 = 1999998 \\ 142857 \times 21 = 2999997 \\ 142857 \times 28 = 3999996 \end{array}$$

(conclui na pág. 5)

Si V. S. pensa no futuro... procure o

LAR
BRASILEIRO

Associação de Crédito
Hipotecário

Ele o ajudará, pois é
uma — Gigantesca potencia economica —
Formidavel Potencia
Moral de trabalho e
de virtudes.

Emprestimos — Depositos a praso fixo ou não — Contas Correntes Limitadas.

SÉDE

OUVIDOR, 90

TELEFONES: 4-6065

(Rede Inter-na)

n o t u r n o

cartas ao camondongo "mickey"

No luar de ontem eu scribi você
Era tanta a saudade...
Era tanta a tristeza...
Que conectei a esperar que apparecesse
Você junto de mim.
Minhas ruas dormiam...
Uma rua neblina
Esbarrançava mais esse luar.

So na calcada o "toc" dos meus passos.
Em torrio.
Manguetras esgalhadas para a rua
Penachos de palmeiras para o céu.
De quando em vez uma folha caia
Somambula girando junto a mim.
Um grilo poeta cantava em serenata
Para uma estreia ouvir.
Nos lagos dos jardins
E, pelas molias,
Os sapos entoaavam ladanilhas roquentias
Na catetral sombria de abançadas
De jaboticabais

Outros notivagos,
Tristes como eu,
Marcavam com seus passos, na calcada,
Uma historia de amor que a saudade escrevia,
Que a tristesa bordava em nossos olhos
Para ir a dor agazalhar.

Depois... foi isso só;
Uma sombra que escapa,
Um ralo de luar, que foge dos meus braços.
Era você amigo!
Toda ru... Voltou ao seu silencio.
Os gritos e os passos pelas m...
Deixaram de cantar.
Vinha do alto uma neblina fria
Caindo sobre mim como a saudade
Que me vem de você.

Era tudo mais triste que seus olhos
Era tudo mais leve que você!

matemática divertida e curiosa

(conclusão da pag. 4)
Os resultados apresentam uma disposição muito interessante. O primeiro produto é um número formado de algarismos iguais a 9; no segundo produto apparecem apenas cinco algarismos iguais a 9, sendo que o sexto foi "decomposto" em duas parcelas que foram ocupar os extremos dos resultados. E assim por diante.

Como apparece em Aritmética esse número 142857?

Se convertermos a fracção ordinária — em número decimal, va-

mos obter uma dizima periódica simples, cujo periodo é, precisamente, 142857. Quem já estudou fracções ordinárias e decimais, poderá comprehender facilmente, que as fracções ordinárias:

2 3 4 5 6
7 7 7 7 7 7 — quando

Camarrada Mickey. — A miséria das ruas! Ah! meu bom amigo, a miséria das ruas! Hoje, entram em sentido todas as minhas energias interiores, e um grilo es-tridente de odio e revolta ficou atravessado na minha garganta, meu caro camondongo. Há muito tempo, eu não fazia uma peregrinação nocturna pelas ruas desta nossa cidade encantamento.

Habitual-me, meu velho, desde que a P. R. E. 2 se inaugurou, a vir para cá assistir ás nossas transmissões de estúdio, e dal' o não vir, presenciando o crescimento alarmante da miséria e da desgraça nas nossas ruas e praças, Mickey.

Ontem, tirei a minha noite para observar, com os próprios olhos, o que de verdade existe em torno da quantidade de desventurados que passam as noites, nas nossas ruas. Fiquel triste, meu caro, ao tempo que uma e inconfundível revolta se apoderava de mim. Antes eu não tivesse ido ver até onde já chegou a desgraça e a miséria dentro de nosso país, camondongo. Porque, não sendo nada, não sendo nada, eu cheguei a esta dorossissima conclusão, meu velho: já se morre de fome dentro deste ghetto inextinguível que é o Brasil. E já centenas de nadeonias brancos e frios, nos logradouros públicos deste país, de oito milhoes de kilometros quadrados. Enquanto isto acontece, Mickey, com os párias da sociedade, com os que querem trabalhar e não encontram onde; com os que tem os mesmos direitos que nós outros; com os que tem fome e lhes falta, o pão; com os que tem sono e lhes falta o tecto. Enquanto a gente vê isso dentro de uma terra rica e fértil, caro amigo, os mesmos olhos que testemunham tão de-grandezas espectaculos e que sentem ver o que veem, porque desejariam, apenas, ver todos os homens gosando dos mesmos direitos e das mesmas felicidades, multo ao contrario, meu bom amigo, eles presenciavam contristes chocantes e brutais! Na minha caminhada quasi sinistra de ontem á noite, eu vi cousas que me revoltaram fundamentalmente. O primeiro local que visitei, foram os Arcos, na Avenida Mem de Sá, do lado da rua Joaquim Silva. Vi all crinaças de tres e quatro anos, vestidas com malimbus, tirando de de frio, fisionomias esquelidas, faces descoradas, umas unidas ás

outras como a roubar um pouquinho de calor de suas vizinhas, Mickey, deitadas no chão frio, ou sobre jornais, a dormirem, tendo os seus corpos velados pelos raios pallidos da Lua pallida, que brilha, va com pallides num céu desbota-

do e cheio de estrelas, camondongo!

Um garfólo espe-lou, de seus anos accorreu no momento em que, olhos em lágrimas, corajado em revolta, eu mirava aquella apoteose á decandencia e á degenerencia de uma raça! E falei-lhe, Mickey, "Falei-lhe com a franqueza que caracteriza os revoltados. Falei-lhe com a lealdade que me merecem o iguais a mim que a sorte despresou. E o garfólo, que podia ser meu filho, camondongo, dentro outras cousas, disse-me que tinha fome! Del-lhe um miqueles. Confortei-lhe com palavras amáveis. Vim satisfeito. Porque cumproi pa-ra com elle o meu dever de camarrada, mais velho, mais que, lambem, como elle, é um elemento indesejavel na sociedade cabilha em que vivemos. Não, meu caro. Havia uma differença, é que para elle a sociedade é que é indesejavel. Esparta ruim, eu, é que sou indesejavel para a sociedade, porque não a quero nem a adulto como ella é... Eis aí, camarrada Mickey. No meu regresso ao estúdio, passei pelo Palacio Theatro.

Vi aquelo mundo de luzes. Previ o que se representava all dentro. Lembrei-me das centenas de mil rás nossos, que se lião, com o estrangeiro, que é astro do Hollywood. Não pítice conter a exclamativa, que miserváveis!!! Porque, meu bom amigo, não se constroem entre nós educandarios e patronatos para os filhos dos proletrários camondongo? Porque não se levantam hospitais para os que necessitam do tratamento de suas saúdes, Mickey? Porque não se edificam albergues nocturnos para os sem tectos, camarrada? Porque não se dá trabalho aos que querem trabalhar e não tem onde? Porque, amigo velho, a sociedade não se P'occupa com os desprotegidos? Que fazem os nossos governos? Qual, Mickey, dentro da sociedade vesga e caída em que vivemos, tudo isso está certo! E quando apparece um revoltado como eu, meu amigo, que chama e não se conforma com esses bandullismos officializados, logo o taxam de anarquista e elemento pernicioso! Sim, meu amigo. Si se ser anarquista e pernicioso é se querer a igualdade entre og homens, então eu sou anarquista! E sinto-me feliz em o ser, e em viver bem alafado desta sociedade fabra em que vivo, Mickey! Isso é o que é.

Esta cronica, lida pelo microfone da P. R. E. -2 durante a irradiação do "Cajul-Jornal", foi gentilmente cedida ao "vector" pelo seu autor e faz parte do livro "Cartas ao Camondongo Mickey", a apparece, breve.

convertidas em decimais, daria, também, periódicas simples, cujos periodos são formados pelos algarismos 1, 4, 2, 8, 5 e 7, que a parte-certo em certa ordem, conformem o valor do numerador. Eis a applicação simples da famosa "coecisão" aritmética pretendida por algumas pesquisadores. Para anbigos em "cabalístico" com P. optica-matematicos os números 142857 des "mlter osas", estudando, porrem, do ponto de vista aritmético, não passa do periodo de uma dizima periódica simples. Estão no mesmo caso o periodo da dizimas

obtidas com as fracções — e — etc. 1 1 17 23

O numero 142857, que alguns algebristas denominam "numero imperlimente", não é, portanto, o unico a apresentar particularidades em relação á permanencia de algarismos nos diversos productos.

(Do interessante liv. o "Matemática divertida e curiosa", de J. C. de Melio e Souza.

atletismo crônica do momento

esportes campeonato colegial

futebol

Realizou-se no dia 11 do corrente, no campo do Andaraí, mais uma partida entre os antigos rivais 5.º ano B e 5.º D.

O quadro do 5.º B, 1.º campeão de futebol do Colégio de Pedro II, alcançou melhor que o seu adversário, levou-o de vencida pelo escore de 3 x 2. Hon ou gols: o 5.º ano B o título foi brilhantemente conquistado em 1933.

O onze vencedor apresentava a seguinte constituição:

Pelétrino

Jair — Iracema

César — Isaac — França

Rubens — Claudino — Loldo — Al-tanlro — Eraldo

Fizeram os gols do vencedor: Rubens 2 e Eraldo 1.

Aproximam-se a data do Campeonato colegial de Atletismo.

O Colégio Pedro II concorrerá a desse campeonato como sempre o tem feito. Será difícil, para nós, arrubar no Colégio Militar o bastão de campeão, que os seus defensores conquistaram, tão galhardamente, no ano passado. Será difícilimo, repetimos, po-que enquanto ao Colégio Militar os alunos têm tudo quanto se possa exigir para um perfeito treinamento, desde a pista até o treinador; enquanto lá se trata de organizar competições internas para a escolha de uma turma que seja, na realidade, uma seleção, nós, aqui no Colégio Pedro II, sem possuímos uma p aca de esportes e sem termos treinadores, levaremos o campo da peléia uma plieide de estímulos que bem merecem, vestir sem desdouro, a gloriosa canha azul e branco.

Tudo que temos para o preparo da nossa equipe é a convocação de atletas para treinos no Piumilhena e para uma competição interna no fim deste mês... e nada mais.

Não fora o esfoço desenvolvido por Francisco Inneco e Rubens França e o Pedro II não disputaria o campeonato.

Diante de tais circunstâncias mal teriais só nos resta, para a defesa do bom nome esportivo do pío lio-so e tradicional Colégio de Pedro II, apelar para a boa vontade dos que praticam o atletismo. E o apelo aqui fica!

Coléga e atleta!

O Pedro II conta com a sua colaboração na conquista do título. Procure, por todos os modos, aperfeiçoar as suas condições físicas. Se não for possível treinar no Piumilhense, treine no Vasco ou em outro qualquer clube, mas não esquecendo nunca que está em jogo o nome do Pedro II. Se é ve-dade que as condições nos são desfavoráveis, não é menos verdade que o nosso entusiasmo, já tantas vezes sobejamente demonstrado, não conhece o impossível: a tudo vencer.

Supramos com a força de vontade a nossa deficiência técnica. Sabemos querer, que o querer é poder.

E nós venceremos...

"A DERROCADA DO FASCIS-

MIO ALFEMIO"

— É um livro da "ALBA" —

Em todas as livrarias

CAMPEONATO INFANTIL:

1.ª categoria:

Corrida de 25 metros

Relay de 4 x 25 metros

Arremesso da pelota de 80 gr. sem impulso.

Salto em distância

2.ª categoria:

Corrida de 50 metros

Relay de 4 x 50 metros

Arremesso da pelota de 80 gr. Com impulso.

Salto em distância

CAMPEONATO JUVENIL:

1.ª categoria:

Corrida de 75 metros

Revez. de 4 x 75 metros

Arremesso do peso de 5 quilos

Arremesso do disco de 1 quilo

Arremesso da pelota de 80 grs

Salto em altura

Salto em distância

2.ª categoria:

Corrida de 100 metros

Revez. de 4 x 100 metros

Arremesso do peso de 5 quilos

Arremesso do disco de 1 quilo

Arremesso da pelota de 80 grs

Salto em altura

Salto em distância

CAMPEONATO DEB JUVENIS

FORTES:

Corrida de 100 metros

Revez. de 4 x 100 metros

Arremesso do disco

Arremesso do dardo

A t. 4.ª — O Campeonato Col do D. Federal, será vencido pelo colega do estabelecimento similar, desta região que maior numero de pontos obteve computando as classificações alcançadas nos tres campeonatos parciais.

Parag. unico. — Pa. a efeito do presente artigo, os colégios serão classificados em cada campeonato parcial, recebendo o número de ordem igual ao número de colégios inscritos, que os seguirem na classificação, mais um.

Art. 5.ª — Considera-se para todos os tres campeonatos, o mesmo número de inscritos, de sorte que, se o campeonato Infantil reunir treze inscritos e o de Juvenis seis, o primeiro colocado neste ultimo marcará treze pontos.

Art. 1.ª — Os campeonatos parciais serão vencidos pelos colégios que maior número de pontos reunirem, computando-se para as colé-



Atenção Jovens Corredores !!

Não há maior alegria do que uma competição juvenil de atletismo. Quando se trata de um Yacht Club, onde podem desenvolver lindas habilidades físicas. O treinamento, porém, proprio ao atleta, como que se adquire no sport, faz perder facilmente muito maior energia o que se poderia esperar. Os jovens corredores devem se alimentar melhor para recuperar sua rapidez e forças perdidas.

OVOMALTINE

Um alimento com Ovomaltine, fornece ao atleta a energia necessária para vencer a fadiga e a desidratação. Ovomaltine fornece as vitaminas e as forças perdidas.

OVOMALTINE

ALIMENTO NATURAL TONICO SUISSO

O alimento das competições Athléticas e esportivas. Um alimento.

DECORAÇÕES? CARTAZES?
DESENHOS EM GERAL?

ESTUDIO ALFA

Ramalho Ortigão 38-2.º

(conclue na pág. 9)

e i t o n c a r v a i h o
um canto de bom humor

Não, vocês estão muito enganados. Quatradamente enganados. Era só o que faltava! Então vocês estão pensando que as palavras foram feitas para morrer pacatamente dentro de um dicionáriozinho e viver eternamente plantadas no ambiente abutlado de uma estante? Qual o quê! As palavras também estão reunidas vivendo numa sociedade semelhante à nossa.

Abraim um dicionário de português (o do Nascentes por exemplo) e encontrariio forçosamente um

Hermes Cossio ou Prado Kelly; veja um "burro" de alemão e acharão um Hitler mandando matar os seus adversários politicos e obrigando-os a dizer, na hora da morte, "viva Hitler", esquecendo-se que, em cada assanhamento destes, está assassinando 50 annos de civilisacção. Se abrirrem um dicionário de Italiano, encontrariio, na certa, o Mussolini ou o Primo de Camera. E o mais gosado de tudo isto é que

as palavras tambem se achiam divididas em classes; umas são conservadoras, outras trabalhistas, idealistas, enfim, elas tambem andam at'apalhadas com esse negocio de patifolismo, que só serve para gerar revoluções e transtornar a vida dos países; com essa priega officializada que é o eterno incompartibilisador dos homens; com essa epidemia que põe os próprios homens frente a frente

nos "trons" para destruir em um segundo, o que eles mesmos

p e d r o d o c o u t i o
um bom programa

Jevaram seculos para construir o progresso. Existe até uma classe, que é, aliás, a mais numeroza de todas, chamada a classe politica. E voce sabe que palavras estão comprehendidas nesta classe? O. a. é ficiali: as palavras que mudam de ideia como mudam de forma, segundo, a letra de quem as escreve. São as que, com as mesmas letras, isto é, sem mudar de cara, tem duas ideias completamente contrarias.

Agora voce ha de objectar e com isso: — Mas afinal, que quer voce com isto? De que me adianta saber esse negocio?

De que adianta? De muita coisa. Talvez voce não precise da receita, mas eu conheço um homem, o Isaac, que eu sei que não é catcho por que tem dois pés e é sócio fundador do Sindicato dos Mordedores, que vive a custa destas palavras.

Pois este autêntico mosquito, vendo-se de um jema em que apparece uma das tais palavras politicas, é o homem mais feliz deste mundo. Ele, que já foi ameaçado dez vezes de ser exculido do sindicato pelo abuso do seu nome, já uma individualidade de vezes recebeu communicados da associação pedindo-lhe para morrer menos. Que diabo! Ele assim está desmoralizando a classe!

Pois o Isaac, esse homem que é o eterno sangue-suga dos amigos

Pedem-me os directores desta revista escreva eu alguma coisa para o numero de estrea. Como sempre que posso nada de digno, de disciplinar e de intelectual escrevo á modada, venho trazer letras muihas, tradutoras da solidiedade que lhes empresto neste certamen de Inteligencia e de cultura, muito próprio de um estabelecimento de ensino, qual o Pedro II, de tradicção brilhante em nossa patria.

A actual tentativa mental de um grupo de jovens desta individualmente que se não perdeu ainda a preocupacção litteraria e scientifica em meio aos estudantes, não gra-do correntes contrarias temem encalhã-las para outros terrenos.

No Colégio Pedro II, sobre tudo não se pôde compreender o alheamento ás manifestações do espirito, visto que ele é, pela lei e pelo passado, o paradigma do ensino humanístico no Brasil.

(se ainda os tem) proclama por toda parte, com todas as forças dos seus pulmões, essa frase que é o segredo da sua felicidade e o simbolo da sua honestidade: "nada de tudo, o dever".

E quando alguém lhe diz: "é verdade, Isaac, quando é que voce vai me pagar aqueles cem mil réis", ele pensa, coça a cabeça e responde com a maior naturalidade deste mundo: "Ora, meu amigo, isto não é nada. Passe-me já o recibo que eu pagarei logo".



O Leão da Metro saúda a aparição de "VETOR", augura-lhe brilhante existência e anuncia aos seus leitores o próximo desfile de vários grandes filmes.

A COMPANHEIRA DE TARZAN

com JOHNNY WEISSMULLER

HOLLYWOOD PARTY

O GORDO, O MAGRO, JIMMY DURANTE, etc.

VIVA VILLA!

com WALLACE BERRY

SADIE MC KEE

com JOAN CREWFOOD
PIANOFORTE TONE

A VIVVA ALEGRE

com MAURICIO CHUVALHEIR e JEANETTE MC DONALD

Todos esses filmes serão estreitados
NO
PALACIO
o cinema favorito dos estudantes

antonio de pádua
[do c. p. II]

era muito longe !...

A preta velha enxugou, na sala, os olhos grandes, manchados, e ficou um momento a moribunda.

A mulher respirava ainda.

A preta apañou novamente do regaço, o livro aberto e continuou cansadamente a prece:

— "... Nosso Senhor Jesus Cristo, vos que sois bom e misericordioso, lançai vosso olhar sobre esta alma pecadora que breve deixará o corpo; pedi também à vossa santa Mãe que dela se compadecça..."

Um ronquido enrolou-se pelo pelo da enferma; a golinada veio gregorejando pela garganta e estiolou-se vermelha pelos belgões. A posta de sangue, presa nos dentes, ficou furada na abertura da boca.

A velha largou o livro assustada.

— "Cade a vela, Tonlombo?..." O garfó que estava, no outro canto ido quarto, debruçado na mesa, ergueu a cabeça.

Escreve um momento à olhar es-lupidamente; depois lembrou-se...

"Minha mãezinha!..."

Lá fora, explodindo pelas janelas do casarão, relinchou estrepitosamente o primário compasso da orquestra. Ia começar o baile da gente rica.

A preta velha e o garfó olharam esparitados para a porta. Começaram a chorar, baltinho.

— "Fecha tudo Tonlombo!... Assim. Ven, meu filho, vamos resari!"

Alceharram-se junto da cama onde a mulher agonizava. O sangue vinha lá de longe, chovendo, solavancando pelo ar e entrava calmamente no casibre.

O garfó abraçou-se com a velha avó.

— "Vai, meu filho, vá! Ia e pede pelo amor de Deus pra partir um pouco... um pouquinho só! Diz que depois pode locar... VAL!"

E o garfó saiu, com os olhos grandes de lágrimas.

Chegou à calçada e olhou de frente o casarão em festas. Era lá no fundo. Apenas por entre as frondes do jardim comprido, via-se o crislar dos lustres. Tonlombo, pequeninho, atarantado chegou-se ao muro do gradil espiçou a carinha e começou a chamar medrosamente:

— "Moço, moço, vem cá!..."

Ninguém veio.

Collidinho batia com as mãos medrosamente:

— "Moço! moço!..."

Sua vozinha não atravessava aquela alameda comprida...

lacyr schettino,
[do colégio municipal de b. mansa]

vamo pra fuguêral

Cum seu visitado de chita,

Cabeca vai tão bunta

Pr'u balie de S. Juão!

A noite é fria que corta

Mals á cabeca num imporka!

Tem fogo no coraçõ!

Ela vai danst' legêra

Bem em volta da fuguêra,

Toda contente e fravêsa...

De um verneio tão intenso,

O fogo nd é cumo o fogo!

Qui ela marou na cabeçã!

Pr'u danst' é tão derroga,

qui intê parece uma rosa,

Daquelas das mals chêroza,

Balanganho no lepinheiro...

E dança cum tãu incanto

Requebrando tanto, tanto,

qui em todos bola quebrando

Pr'u resto do ano inteiro...

quanto vte á madrugada,

A cabeca já cansada

De tanto danst' também,

Põe as mão no coraçõ,

E diz trite: "Adens S. Juão!

Intê pr'u ano qui vem!

o vício do fumo e as crianças

Os físicos, os químicos e os silólogos são concordes em que o fumar antes de chegar á idade adulta dá lugar a um desperdício inútil de energia nervosa e cerebral, abreviando, por consequente, a vida.

O Dr. B. W. Richardson é de opinião que o vício do fumo nos manchoes atrofia os órgãos mentais, interrompe a circulação, estraga o sangue, altera a digestão e óbsta, geralmente, no desenvolvimento do corpo.

— Os rapazes — diz elle — condemnam-se a si próprios para toda a vida com o vício de fumar, e é uma pena de que que nunca mais se podem absolver.

Entre as más consequências do vício de fumar nos manchoes, ha a fraqueza prematura da vista e as doenças do coração.

Pode dizer-se, em geral, que o fumo é um prizer duridoso, em troca do qual damos uma grande parte da nossa vida.

— "Moço! mo..."

O esta dalhaço de uma valsa enghutu-lhe o grilo.

Solucando, a bebelho contral-do de natva, êle voltou para casa.

— "Vozozinha, não pôssol!... Aquêla casa é tão alta, o jardim é grande, comprido, lá no fundo!... Tudo tão longo! Ninguém, ninguém ouve..."

j . b . mello e souza

história divertida e curiosa quatro a um!

Prelimna mente: o caso não se passou no Pedro II.

Certo professor de História dava aula a uma turma de alunos da moderna geração, e já tinha iniciado a exposição da segunda guerra púnica, quando notou que a maioria dos alunos estava desaten-ta, sem revelar o minimo interesse pela tomada de Saguino e pela travesia dos Alpes por Anibal.

O mestre ha, repender os rapazes, mas resolveu mudar de láctica. Viu-lhe á mente uma idéa luminosa.

— Hei de conseguir que esses meninos aprendam isto, pensou elle. Foi, então, ao quadro negro e escreveu:

CARTAGINESSES x ROMANOS

E, continuou a preleção, como se nada houvesse de anormal:

— E Anibal marchou contra a cavalaria romana, alcançando a vitória do Tessino. *Um a zero!*

Enquanto falava, escrevia no quadro os algarismos correspondentes ao score:

Os alunos, surpreendidos, entreolharam-se. Alguns disseram em voz baixa aos vizinhos:

— Um a zero, ouvíu? Anibal co meçou bem!

(Conclue na pág. 9)

A Ilha do Governador vae ser ligada ao Continente

Pense no futuro de seus filhos!

COMPRE HOJE MESMO

um ou mais lotes de terrenos a longo prazo, sem juros, no

JARDIM CARIOCA - ILHA DO GOVERNADOR

Terrenos de praia e montanha com lindas vistas para o mar.

Água, Luz, Bondes e Telefones

Quem tem um terreno, lem sempre um bem.

Procure o nosso escritório á Travessa do Ouvidor n. 9 — 2.º andar — Tel. 3-1526 e peça informações detalhadas.

Sociais

FESTAS

Realizou-se no dia 8 do corrente, ás 8 horas da noite, no "auditorium" do Instituto de Educação, mais uma reunião, organizada pelo "Centro Cultural" daquele Instituto.

A parte musical esteve a cargo de alunos do Instituto de Educação, com a colaboração de colegas do Ped. II, Colégio Militar e Escola de Belas Artes.

Na parte literária brilharam o prof. J. B. de Melo e Souza, com a sua verve costumeira; Jair Magalhães, o "menhinho prodígio" que o michefome da Rádio Guanabara revelou á cidade encantamento; a senhora Vitória Carl, também denominada e uma das organizadoras do festival, e outras.

Serviu de "spakete" o conhecido escritor Malba Tahan que manteve a platéia, do principio ao fim, numa original parada de sorrisos. "Vetor" convidado gentilmente pela diretoria das "Reuniões Culturais", se fez representat.

ENFERMOS

Acha-se em vias de restabelecimento o nosso distinto colega do 5.º ano B, Alcides de Souza Pereira, que sofreu recentemente uma queda de bonde.

Tê-lo o mais breve possível em nosso convívio, são os sinceros votos do "vetor".

APRECIAMENTOS

Apareceu por estas dias mais um periódico estudantinho mensal "O serão", que é dirigido por Antônio de Barcelos Neto, Carlos Damasceno Vieira e outros.

Ao "O serão" os votos de felicidade do "vetor".

V I S I T A S

A convite do prof. J. C. de Melo e Souza, "vetor" esteve em visita á turma 22 do Instituto de Educação. Tivemos ocasião, então, de verificar o grau de adiantamento em que se acha, o que só pode exaltar a capacidade dos alunos e o mérito do professor. Visitamos, também, a Associação Cristã de Moços e a Casa do Estudante no Brasil.

Recebidos gentilmente em ambas pudemos aquilatar do quanto se faz em prol da mocidade.

Mas você está magro, pálido...

Tomou, cuidando, meu amigo! Deitando e não tratando da saúde! Que infernal! Recete o espírito e cuido da sua saúde. Coma? Ora, na Assembleia Cristã de Moços. Siga o nosso conselho e você verá como se fica forte e ao vivo feita. Mantenha exercícius físicos no seu horário. Visite a Associação. Peça prospectos e ficará bem informado de como deve proceder.

ASSOCIAÇÃO CRISTA DE MOÇOS. ESPALNADA DO CASTELO. RIO DE JANEIRO.

quatro a um!

(conclusão da pág. 8)

depois, o juiz Cidão p opinha a destruição de Cartão, o que os romanos fizeram, portanto, si Roma venceu sua tenivel rival, deve se isso principalmente a Galdo.

Bate a sibeta. O professor teltra se satisfeito.

Finalmente, pensava ele, conseguiu meter esse ponto na cabeça dos meninos. Graças á manha do futebol, essa turma não esquecerá mais a segunda guerra púnica.

...

O ra aconteceu que no fim do ano letivo, um dos alunos foi prestar exame oral de História.

Tirou o ponto: Segunda guerra púnica.

— Diga-me lá o que sabe sobre a segunda guerra púnica, propôs o examinador.

O estudante permaneceu calado.

— Então? Não conhece o ponto? — Professor, disse timidamente o aluno, não sei nada sobre esse ponto.

— Como? Você nunca ouviu falar na celebre luta entre Anibal e os romanos?

— Ah! exclamou radiante o menino, isso eu sei!

Então diga-me lá o que sabe. — Sei que foi uma grande batalha.

— Uma grande roubadeira?! Como assim?

— Sim senhor, afirmou o estudante: os cartaginenses ganharam longe, por quatro a um, mas o juiz, que era muito indro, deu a vitória aos romanos!

nã o choro es coração

Não chorores coração, não chorores tanto; Não verias uma lagrima sequer. Sã forte, sim! De que te vale o pranto. Se é o destino implacavel quem o quer? Ela era bela e linda, toda encanto. Mas cre, coração meu, no que eu disser: Se era uma deusa e tinha um nome santo. Tinha um grande defeito, era mulher. Dos sofrimentos teus eu sou espelho. Por isso, coração, eu te aconselho: Procura o esquecimento noutra amor Que eu não recorreré á hipocrisia. Se eu fui teu companheiro na alegria, Seré amigo teu, também, na dor.

S Y L V I O m a r t i n s

Noite de inverno. Tudo é silencio e dorme decausado. Lentas, monítonas, As horas vão passando, vão passando Arrastadas nas pontas dos ponteiros, Embaladas na musica do pendulo. O tempo vai passando, vai passando, Segundos e minutos. Horas e dias. Anos e anos. E vai levando as nossas ilusões Vai desmanchando Nossos fantasticos castelos Feitos de sonhos... E o tempo vai levando as horas to das... Horas felizes, tão rápidas, apressadas; Horas de dor e de prazér; Horas tristes e horas de alegria; Horas que a gente não esquece; Horas que a gente quer mais não pôde esquecer Horas monítonas e lentas, Horas da noite, Arrastadas nas pontas dos ponteiros, Embaladas na musica do pendulo.

OMEU "BEGGIN"

Gilian
HARVEY

em seu ultimo
film para a
temporada de
1934.

FOX
LEW LAYRES
CHARLES
BUTTERWORTH
IRENE
BENILEY



Uma deliciosa comedia musicada
cantada por cupido sobre o
"beguin" de uma
linda mulher! **Dia 30**

ALHAMBRA
O CINEMA DOS BONS FILMS

século XIX versus século XX

(conclusão da pág. 3)

Os professores, que "sabem tudo", não creem em Deus, nem em princípio superior, que é o mesmo para o espírito ou para o católice, para o protestante ou para o budista...

E o curso secundário transfere-se em laboricas de materialistas e de célticos nos dezatos anos...

E o resultado ahí está: jovens que realisam paradas para pedir "exames por favor", vítimas de falsos orientadores luminigos da Pátria que, para designá-lh, começam tentando corromper o caráter das gerações novas, a força afirmativa dinâmica do Futuro: jovens que não respeitavam suas patrias tão puras e que se entregam confortáveis ao calor de suas palavras cheias de lascívia e do mais bestial materialismo — e esquecem-se esses "tipos freudianos" das próp. las irmãs que entregariao também aos "colegas e amigos" porque não fazem parte da corte dos pasadistas com funnachs de moralistas — tentivos moralistas! Jovens que não pensam mais em vencer pelo esforço próprio e que aspiram posições rendosas, ainda que lhes accorrea para conquistá-las uma verdadeira sinuachia de completo servilismo. Jovens e homens sem idéas, seguindo apenas a outros homens hipócriticos néste "deserto de idéas"...

Pseudos literatos com funnachs de muito atualizados em seus conhecimentos prégam comunismo sob rótulos marxistas vermelhos ou sob rótulos socialistas amarelos! No fim é sempre o mesmo materialismo!

E o materialismo já não é dos dias do hojel!

E doutrina do século passado Hoje ha um milagre: o do resurgimento da Fé no coraçáo dos homens sob o grito "espiritualismo-nos!" E a voz de uma época contra outra época, é a marcha não para a escola, com ensino do catolicismo ou protestantismo ou espiritismo, mas para um sentido global de espiritualizado, sem sectarismos unilaterais! E a luta gigantesca do espiritismo contra o materialismo de um século

um sorriso de mulher

(do c. p. 11)

"Em toda mocidade ha um sorriso de mulher..."

Não sei onde li esta frase. Talvez num daqueles amigos mudos que tenho na minha estante. Li-a a minha memória guardou-a, eis tudo... Recordo-a porque... Um dia em minha mocidade, eu tive também um sorriso de mulher.

O sorriso estonteante, sedutor, indefinível, desse mulher bonita, que passou, por minha vida, viria na minha imaginacháo como a saudade doce de um amor que não vive.

Um sorriso de mulher... saudade... amor... Já não vivo mais, hoje, da saudade daquele sorriso, porque você appareceu para a minha felicidade...

E você, meu bem, veio com aquéle sorriso e, mais ainda, com esses seus olhos sem rivais! A beleza dos seus olhos levou para longe, bem longe, a tristeza dos meus dias tristes, dos meus dias tão plenos de amoleidade, porque eu sabia que você havia de vir para a alegria de minha vida. Agora, estou contente e você vai ouvir a história triste de um Amor. Contar-lhe-ei a história da minha ceptura.

Depois baixinho eu direi a você uma pequena canção, muito simples e singela que fiz a u'a mulher que possui uns cabelos lindos como os seus, um sorriso assim como esse que você trouxe, e uns olhos mistériosos como os que você tem.

Tudo, tudo isto eu direi a você, porque foi o seu sorriso que eu tive um dia em minha vida...

contra outro século — do século XX versus século XIX!

A direccáo de "vetor" faz gentis que os pontos de vista defendidos neste artigo são inteiramente contrariados ás suas idéas, e, como tal, para não cometer uma incoerência, compromete-se a publicar em seu 2.º numero o rubricado nesta de-tesa.

esportes campeonato colegial

(conclusão da pág. 9)

carões nas provas, 10, 6, 4, 3, 2, e 1 pontos.

Partidar unico. — Em caso de empate vencerá o que tiver obtido melhores classificações.

Art. 7.º — Só podem concorrer aos campeonatos de Juvenis e Juvenis fortes, os collegios que tenham concorrido no de infantis.

Partidar unico. — Considera-se ter concorrido o ter feito disputar pelo menos 10 atletas. Esta disposição, não abrange os col. estaduais, que podem participar de um só campeonato.

Art. 8.º — Com o fim de evitar excessos a Federação estabelece o seguinte limite de concurrencia de atletas:

Campeonato infantil: Cada atleta só poderá concorrer a uma prova de corrida e duas de campo, excetuando-se o revezamento.

Campeonato Juvenis: Cada atleta só poderá concorrer a uma prova de corrida e duas de campo, excetuando-se o revezamento.

Campeonato de juvenis fortes: Cada atleta só poderá concorrer no mesmo dia a duas provas de pista, duas de campo e um revezamento.

Partidar unico. — Em cada prova individual, os collegios podem inscrever quatro efectivos e 1.º e reserva, sendo reservas todos os atletas inscritos.

Art. 9.º — A classificação dos atletas será feita de accordo com a ficha médica enviada pelos collegios.

Partidar unico. — Esta classificação era válida por seis meses.

Art. 10.º — Só poderão ser inscritos os alunos que tiverem uma frequencia regular ás aulas.

Art. 11.º — No caso de ser o campeonato, colegial ou qualquer particular, vendido por um collegio de um Estado, era considerado campeão collegial do D. Federal ou campeão de tal classe, o collegio desta região que tiver obtido melhor resultado.

CONFERENCIA PREPARATORIA
A fim de preparar os nossos atletas para o próximo Campeonato,

estrela ada saudade

(do l. o. 1)

A saudade é um sentimento que nos consola e desalenta.

Desalenta quando é a saudade da mãe que perde um filho adorado, o Jouvca de dor, sabe que é parte para não mais voltar; desalenta, quando o exilado em sonhos vê a patria amada, e sente imensa vontade de volver a ella, onde em quadra risonha passou dias felizes, e sabe que não mais voltará ao seu berço natal!

Consola quando appare de grande a distancia, sabemos que um dia tornaremos ao berço desalado e haremos de rever as pessoas que nos são caras. Consolam a saudade que sentimos quando, privados pelos anos, com o cabelo a branquear de neve, olhamos para o caminho percorrido e desejamos volver ao tempo da infancia, que ficou distante!

Saudade! "Suave tormento", chamou Garret.

Saudade! "Lembrança da ventura já passada".

Vei roxo que envolve um pedregão dilosso de nossa existencia, que o tempo não lhe arrebatou!

Éo rouco de uma voz, outra melodiosa!

Sombra que eternamente nos acompanhava na vida!

Saudade! fructifica: dá distincta...

O livro é o mais sabido dos mestres; o mestre é o mais sabido dos homens.

As atravessar uma rua, não pensas nas divindades, verifique se ella está desimpedida.

esta comissáo fará realizar em fins do corrente mês, uma competição preparatória, cujo programma divulgará com a necessaria antecedencia. Quanto ao treinamento, os interessados poderão faz-lo no Fraternidade P. O. as 3as, 4as, e 5as feiras á tarde e aos domingos de manhã, conforme já foi annunciado.

Pela comissáo:
F. E. Jureco,
Rubens França.

FALE INGLÊS
FALE FRANCES
FALE ALEMÃO
FALE ITALIANO
FALE ESPANHOL
FALE LATIM

APRENDA ESTENOGRAFIA
CONTABILIDADE BANCARIA
nos cursos da
Casa do Estudante do Brasil
LARGO DA CARIOCA, 11-2

TELEPHONE 2-71193

aulas por semana:
155000 por mês.